

VISÃO DO CORREIO

Limpeza urbana e qualidade de vida

A limpeza urbana é um serviço essencial à população e está diretamente ligada à garantia da saúde pública e também à preservação ambiental. Crucial para o bem-estar em qualquer cidade, depende do compromisso dos cidadãos e do desenvolvimento de políticas eficientes sobre o tema.

De acordo com dados do Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, o país produziu cerca de 81 milhões de toneladas de sedimentos em 2022. Segundo o levantamento, as prefeituras e o setor privado destinaram aproximadamente R\$ 31 bilhões para recolher todo esse lixo, em ações que vão desde a varrição das ruas até a destinação final de todo o material.

O alto custo demonstra como o processo para manter um município limpo é complexo e envolve muitas atividades, além de fazer parte do direito de saneamento básico. Diante disso, muitas administrações enfrentam uma série de dificuldades para estabelecer um sistema que seja eficaz e caiba no orçamento.

Em localidades cada vez mais populosas, reduzir a poluição e promover um ambiente sustentável são desafios que exigem projetos conjugados e inovadores. Investir nessa área confere uma série de benefícios imediatos para as pessoas e, sem dúvida, contribui para um futuro melhor em nível coletivo.

A eficiência na gestão de resíduos é uma meta que as cidades brasileiras precisam buscar. Desenvolver programas de gerenciamento do que é descartado pela população ajuda, ainda, a solucionar um problema crônico no país: o volume enviado para os aterros sanitários, que, muitas vezes, não são estabelecidos seguindo as normas ideais, causando diversos impactos negativos.

A limpeza urbana também é determinante para reduzir a proliferação de

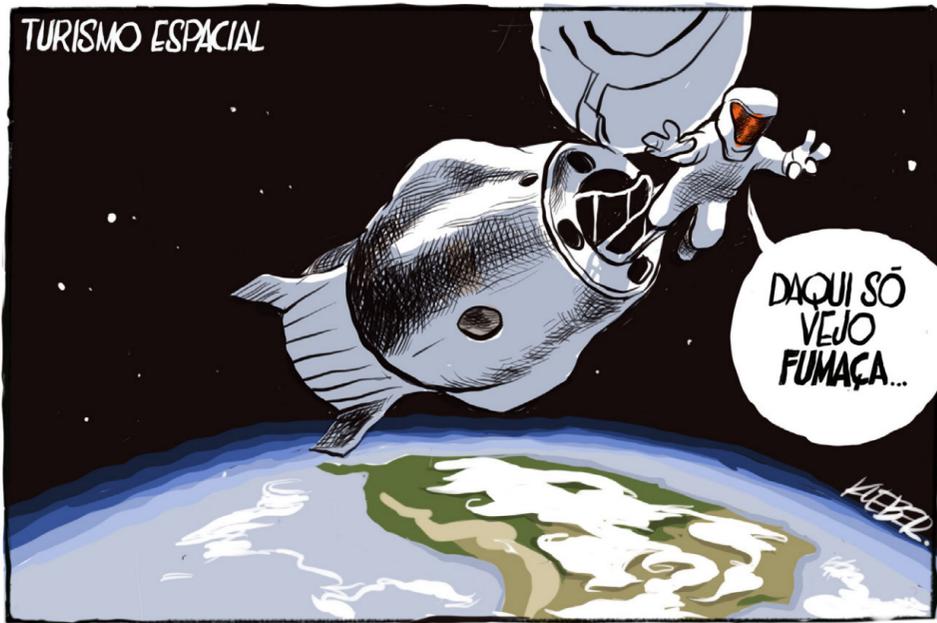
doenças cujos vetores encontram no meio da sujeira um local propício para disseminação. Uma delas é a dengue, que nos primeiros seis meses deste ano contabilizou no Brasil 6.159.160 casos prováveis e 4.250 mortes, conforme o painel de monitoramento de arboviroses do Ministério da Saúde.

Até mesmo o atual cenário de mudanças climáticas precisa levar em consideração a limpeza urbana. O descarte de maneira incorreta e a poluição são causadores do desequilíbrio da natureza. Sem contar que em eventos extremos, como inundações e tempestades, as condutas erradas com os resíduos ficam potencializadas.

O ente público municipal tem a responsabilidade de cuidar desse quesito, já que está mais perto dos moradores. Em sequência, os governos estaduais e federal precisam participar, criando regras orientadoras e auxiliando com medidas de conscientização e criação de políticas abrangentes. Somente a gestão associada dessas três esferas pode possibilitar o alcance das soluções.

Para atender às necessidades das cidades, é também primordial que o manejo dos resíduos esteja de acordo com as particularidades de cada região, respeitando as características demográficas, sociais, econômicas e ambientais. Os gestores públicos precisam buscar esse conhecimento com especialistas capacitados para que as decisões produzam os resultados necessários.

Melhorar as condições de vida nas cidades brasileiras é uma operação com vários fatores. A limpeza urbana é um deles e, dessa forma, deve ser encarada como um serviço de ampla relevância. Resolver os problemas que se arrastam por décadas no país e instituir novas práticas precisam ser um compromisso da população e dos governos.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.af@dabr.com.br

Descaso em ônibus

Tratamento que idosos recebem de motoristas da empresa Piracicabana é desrespeitoso. É preciso que a empresa dê um basta nesses abusos. A gratuidade para pessoas acima de 60 anos é lei, mas alguns motoristas acham que transportar esses passageiros de graça é um favor. Outro dia, uma amiga machucou o tornozelo. Simplesmente, o motorista não parou na parada solicitada e ela teve de descer em um local impróprio e perigoso. Ao sair do veículo, ela escorregou devido ao terreno inclinado e cheio de pedras, e acabou caindo. Eu mesma fui vítima de um gesto grosseiro de um condutor ao pedir para ele abrir a porta da frente. Com cara de raiva, mandou que eu entrasse pela porta de saída. Outro profissional, em um bate-papo com a cobradora, reclamou que pegou um passageiro quatro vezes em uma mesma parada. Ora, a gratuidade é para melhorar a qualidade de vida das pessoas que passaram a vida inteira trabalhando e pagando passagem.

» **Maria Araújo**
Cruzeiro Novo

Museu da Imprensa

Localizado no Setor Gráfico, o Museu da Imprensa abriga uma ampla diversidade de artefatos que marcaram o desenvolvimento da imprensa no Brasil. Em 29 de agosto, estudantes de jornalismo da UCB visitaram o acervo para a produção de vídeos e matérias sobre o assunto. A excursão foi conduzida pelos historiadores Rubens Cavalcante e Bruna de Souza, funcionários do museu. As diversas máquinas tipográficas e documentos históricos serviram para a produção de notícias pelos alunos.

» **Victor Rogério**
Riacho Fundo II

Haja paciência

Que obras são sempre um desconforto já sabemos, mas o que dizer sobre tantas obras que acontecem ao mesmo tempo, afetando o trânsito e a vida de pessoas todos os dias por tantas vias do DF? Fora da área tombada de Brasília, acontecem inúmeras obras sem que a comunidade afetada sequer saiba o que elas representam em termos de melhoria do trânsito e para que vão servir à população. Os moradores da Octogonal e do Sudoeste convivem com obras intermináveis de algo que parece ser um viaduto, e, agora, a EPIG, uma das principais vias de acesso ao Plano Piloto e à parte sul do DF, está com apenas uma faixa funcionando por o longo trecho. Parece que a obra em andamento, que nesse período seco levanta muita poeira e causou atropelamentos por causa da inversão de faixas, diz respeito a uma nova entrada para o Parque da Cidade.

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Não cai água nem do meu olho de tão seco. Tá muito calor, vou comprar um ar condicionado para Brasília.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Anunciado outro pico de dengue. Agora não tem mais desculpa.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Finalmente, planos de saúde e hospitais avaliam reduzir custos. Estou torcendo para que adotem padrões civilizados compatíveis com os usuários. A ambição mata muita gente.

Mário Oliveira — Asa Sul

Quem pediu essa obra? Qual a importância de mais um acesso ao parque? Por que entre os milhões gastos com obras não existe uma verba para explicar à população suas razões, finalidade e o que vai ser melhorado? Adianta que uma pequena placa como as que se pode ver em algumas obras, apenas podem cumprir o que manda a lei. É preciso informar sobre obras, considerar seu impacto e explicar sua necessidade.

» **Felipe Coimbra de Sousa**
Sudoeste

Assédio

Que tristeza! A cada dia, o noticiário sobre o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania traz mais denúncias de assédio sexual por homens que tinham postos estratégicos dentro da pasta. Há denúncias de que não só o então ministro Silvano Almeida cometeu o indigno ato, como outros secretários também tinham o mesmo hábito. A ministra Macaé Evaristo determinou a reabertura de mais investigações, para apurar as novas denúncias. Isso é muito triste. Vivemos num país em que os direitos humanos, historicamente, têm sido negligenciados pelo poder público. O fim da ditadura militar reduziu muito pouco a violência contra o menos favorecidos. Na esfera étnico-racial, os negros ainda são alvo preferencial das forças de segurança, sem que as autoridades, tanto do Judiciário quanto do Executivo, tomem medidas adequadas e severas contra os agressores. Saber que homens negros se comportam de maneira indevida aumenta a decepção, principalmente os que são, ou foram, referências da luta antirracista como o jurista Silvano Almeida. E esses fatos fortalecem os que são racistas e preconceituosos, no país em que a democracia racial ainda é pura falácia.

» **Amélia Vieira**
Águas Claras

Embrapa

No momento em que se noticia o longo período de seca no Cerrado brasileiro, vem à mente o valor da pesquisa, realizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Seus pesquisadores e funcionários foram pródigos ao desenvolver tecnologias de vanguarda e úteis para o sistema agrícola, considerando pequenos, médios e grandes produtores. Esse é o caso de irrigação, que a Empresa, em períodos secos, preconiza o uso adequado da água. Notícia é que o trigo irrigado e o milho no DF e entorno tiveram destaque na presente safra (**Correio Braziliense**, 12/9). Vantagem na utilização otimizada da agricultura de alto rendimento. Com isso, eleva-se o conceito da empresa no cenário agrícola. Apesar do desperdício de recursos em seus primórdios, nos anos de chumbo, ela conseguiu a recuperação, fazendo mais, gastando menos.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

Brasília e a seca

O clima do Distrito Federal em setembro não é fácil. A seca é extrema. Níveis de umidade baixam a números alarmantes. A sensação de deserto é tão violenta, que sintomas físicos deixam as pessoas doentes. Rinite, nariz sangrando, olhos ardendo. Para alguns, o cenário é de verdadeira tortura. Não se preocupe, não existirá aqui uma tentativa de defender a seca, mas, sim, de fazer as pazes com ela.

O que proponho é uma bandeira branca para os meses de estiagem. Entendo os inimigos mortais da seca — de coração, é um entendimento genuíno. Não obstante, minha relação com a baixa umidade nunca foi de desconforto, pelo contrário. Enquanto os posts nas redes sociais, ou reclamações nas conversas de elevador, apontam para os lados negativos do inverno brasiliense, não posso evitar em sentir certa simpatia pelos dias de ardência no meio do ano.

A seca me lembra bons dias de infância. Em que ia passar o fim de semana na casa da minha avó na Vila Planalto e passava as tardes andando de bicicleta ao redor da Concha Acústica. Lembro de todo mundo reclamando do calor, mas me sentia tão energizado. Lembro de uma tia comentar: “Esse menino é brasiliense mesmo”.

Quando, na escola, os professores — sempre heróis — tentavam aplacar o calor levando a turma para o pátio. O ventinho morno batia enquanto aprendíamos detalhes do ciclo d'água (a ironia da vida). Outra memória: passar as férias de julho assistindo a filmes da tarde com a TV na

varanda de casa. Apoiava a tela do computador, ainda o PC, pela janela e ficava balançando na rede vendo as histórias melosas de romance.

A cereja do bolo dessas memórias era o cheirinho “de chuva” no fim da época de seca. Imagine só: pôr do Sol por volta das 18h, e aquele odor tão característico da chuva que vem caindo na vizinhança. Em resumo, os meses de estiagem marcaram minha infância. Talvez por isso não me incomode muito. Lembra-me de um tempo mais simples, sem complicações, quando tudo era mais suave e menos caótico.

De uma maneira agrídice, a seca faz parte de Brasília. Sem ela não teríamos os ipês-amarelos, os passeios de fim de tarde no mezanino da Torre, os lanches noturno nos estacionamento de alguma lanchonete.

Neste ano, em especial, a seca veio acompanhada das queimadas. Levantamento da organização MapBiomias apontou que 2024 teve o dobro de focos de incêndios registrados no mesmo período (janeiro a agosto) em 2023. O famoso céu da capital se transformou em literal fumaça. Ficou difícil respirar. Essa, definitivamente, não era a memória das nossas infâncias.

O equilíbrio do clima neste planeta é delicado, todo mundo já sabe. Tantas discussões relacionadas ao tema parecem tão ultrapassadas, mas nada muda. Na verdade, parece ficar pior. Queimadas, desmatamentos. Ações humanas transformam o futuro em uma ameaça, e não em uma boa memória do passado.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia para pesquisa em jornais e cópias:
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br